

RESENHA CRÍTICA DO DOCUMENTÁRIO COMPRAR, JOGAR FORA, COMPRAR: A HISTÓRIA SECRETA DA OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA

CRITICAL REVIEW OF THE DOCUMENTARY BUY, PLAY OUT, BUY: THE SECRET HISTORY OF PROGRAMMED OBSOLESCENCE

Larissa Pereira Morandi¹
Filomena Raquel Nhabete²

COMPRAR, JOGAR FORA, COMPRAR: a história secreta da obsolescência programada. Direção de Cosima Dannoritzer. Espanha/França: Produção: TVE / Arte, 2010 (53 min).

Cosima Dannoritzer é uma cineasta e roteirista que nasceu na cidade de Dortmund, na Alemanha em 1965. Trabalhou para televisores na Alemanha, no Reino Unido e na Espanha. Dirigiu documentários como *If Trash Could Talk*, um retrato de Barcelona através de suas latas de lixo.

Ela também dirigiu o filme “Amnésia eletrônica” para a TVE, no qual ela analisa suas memórias pessoais, arquivadas em formatos digitais que mudam, ameaçando a transferência dessas informações para as gerações futuras.

O Documentário “Comprar, Jogar Fora, Comprar, História Secreta da Obsolescência Programada” fala sobre a história da obsolescência programada, que é o ato de fazer um bem se tornar obsoleto, deixar de ser útil mesmo estando em perfeito estado, fazendo que o consumo aumente. Uma tática usada pela indústria, que existe há vários anos, para aumentar as vendas dos seus produtos, resultando em um consumo desenfreado e irresponsável, prejudicando cada vez mais o meio ambiente.

A história começa com Marcos, em Barcelona, quando ele vai trabalhar em sua impressora, que simplesmente para de imprimir, mesmo estando em perfeito estado. Então ele resolve procurar ajuda para consertá-la, mas todos os vendedores o aconselham a comprar uma impressora nova, se aceitar Marcos será mais uma vítima da Obsolescência Programada, que provoca um consumo exagerado,

¹ Graduanda em Administração na Faculdade de Inhumas-FacMais, cursando o V período.
E-mail: lara.enzo.lm@gmail.com

² Graduada em Administração. Professora da FacMais.

fazendo que o cliente consuma por diversão, não por necessidade, se tornando cada vez mais insatisfeito, querendo produtos novos, melhores, mais avançados.

A estratégia da Obsolescência Programada acontece desde os anos 20 quando os fabricantes começaram a diminuir a vida útil dos produtos para aumentar suas vendas. Como foi o caso das lâmpadas que tiveram sua vida útil reduzida em 1.000 horas

No ano de 1924, em Genebra se formou um cartel o *Phuebos*, para controlar a produção de lâmpadas, e pressionaram os fabricantes a diminuir a vida útil delas de 2.500 para 1.000 horas e se não cumprissem as regras eram severamente multados. O cartel tinha até uma tabela com os preços das multas.

Outro fato que aconteceu mais tarde na história da indústria têxtil, em 1940, foi a invenção do Nylon, pela Dupont, que constituía uma fibra sintética revolucionária usada nas meias femininas e que nunca desfiavam, mas a alegria durou pouco, pois como as meias duravam muito e não tinham vendas, os fabricantes tiveram que criar outro produto mais frágil e que desfiava fácil.

Nessa época os engenheiros tiveram que rever seus princípios e ética, uma vez que nas faculdades eram orientados a fabricar produtos duráveis e com qualidade e com a Obsolescência Programada, tiveram que desenvolver produtos descartáveis e fracos. Os consumidores também se sentiam frustrados, mal acabavam de pagar o produto e ele estragava.

Os consumidores não sabiam, mas nessa mesma época nos países do bloco do leste não existia a Obsolescência Programada, a economia era comunista e escassa de recursos.

Na Alemanha Oriental as geladeiras e máquinas de lavar roupas eram produzidas com rigor e eficiência, deviam funcionar 25 anos. Logo começaram a produzir lâmpadas de longa duração também, mas com a queda do Muro de Berlim não conseguiram se manter e as fábricas fecharam.

Na crise de 1929, que levou à recessão econômica dos Estados Unidos da América (EUA), a Obsolescência Programada aparece como uma solução para reativar a economia. Bernard London, investidor imobiliário sugeriu que ela tinha que passar a ser obrigatória, todos os produtos tinham que ter uma data de validade e depois disso eram considerados mortos e os consumidores tinham que o devolver

para o governo. Ele acreditava que sua ideia seria uma salvação para as indústrias e para o desemprego, mas não obteve êxito.

Alguns anos mais tarde a Obsolescência Programada surge de uma maneira diferente, não obrigatória, mas seduzindo os consumidores, despertando o desejo. Foi o que fez Brook Stevens, com a ajuda do designer e do marketing, que criava produtos com ar de modernidade. Seus consumidores estavam sempre insatisfeitos, queriam sempre algo novo, mais moderno, mais bonito. O estilo desse consumidor dos anos 50 influenciou o consumidor de hoje, que é o consumidor sem limites.

Com o advento da tecnologia, da internet, surge uma nova era de consumidores, que são aqueles que lutam contra a Obsolescência Programada, empresas grandes como a Apple usam desse artifício e fabricaram baterias de iPod com vida útil determinada. Um jovem consumidor teve esse problema com a bateria e foi aconselhado pela Apple a comprar um aparelho novo ao invés de lhe oferecerem uma bateria nova. O jovem e seu irmão fizeram uma campanha na internet contra a “bateria que durava apenas 18 meses”.

Uma Advogada de São Francisco, Elizabeth Pritzkar processou a Apple por causa da bateria do iPod, representando milhares de pessoas que haviam passado por esse problema. Na investigação do processo concluiu-se que a bateria foi desenvolvida desde o início para ter uma vida curta, o que não condiz com a postura que a Apple apresenta, que é uma empresa jovem, moderna, que se preocupa como o meio ambiente. Mas como todas ela só quer vender mais e mais, visando lucro.

A Obsolescência Programada é um problema do mundo globalizado, ela provoca um grande fluxo de resíduos que vão parar em países de terceiro mundo como é o caso de Gana, na África que recebe milhares de containers com lixo eletrônico. Esse lixo são computadores, televisores que são deixadas em lixões à céu aberto, afetando drasticamente o meio ambiente.

Muitas famílias sobrevivem dessas sucatas, tirando o metal para vender, se expõem ao perigo e a condições desumanas. Não há mais lugares para depositar tanto lixo e as gerações futuras pagarão a conta da economia do desperdício.

No final do documentário Marcos decidi pesquisar como consertar sua impressora e descobre que ela foi fabricada com um chip que a faz parar de funcionar quando chega a um determinado número de impressões. Pela internet ele

Larissa Pereira Morandi; Filomena Raquel Nhabete. Resenha crítica do documentário Comprar, jogar fora, comprar: a história secreta da obsolescência programada.

instala um programa que inutiliza esse chip e a impressora volta a funcionar normalmente.

Além de ser uma denúncia, o documentário nos faz um alerta de como nossa sociedade é consumista e egoísta não só com o meio ambiente, mas com nosso próximo, estamos acabando com o mundo para as gerações futuras. Precisamos urgentemente rever nossa cultura, nossos valores, mudar a forma de como produzimos, de como consumimos. Precisamos reaprender a viver, a reaproveitar, a reciclar, pois os recursos naturais são limitados.